

**“A EDUCAÇÃO QUE TEMOS E
A EDUCAÇÃO QUE QUEREMOS**

**DA EDUCAÇÃO BÁSICA
À PESQUISA ACADÊMICA”**



DIAS 28, 29 E 30 DE SETEMBRO

XV JORNADA ACADÊMICA DO MESTRADO E DOUTORADO EM EDUCAÇÃO

MÃOS- DOCÊNCIAS EM CONSTITUIÇÃO: EXPERIÊNCIAS DE CUIDADO DE SI

Vaneza Silva da Rosa

APAE Santa Cruz do Sul

Delci Cleonice Bender

EMEF Nossa Senhora da Glória/Sinimbu

Cláudio José de Oliveira

Universidade de Santa Cruz do Sul/UNISC

Eixo I – Linguagem, Experiência Intercultural e Educação

O presente texto discute os resultados finais de uma pesquisa de doutorado em Educação, da primeira autora, com o aporte dos estudos da segunda autora referentes às narrativas, sob a orientação do terceiro autor. No qual se destaca a problematização em torno das narrativas de um grupo de seis professoras que atuavam em duas escolas municipais do Vale do Rio Pardo, no estado do Rio Grande do Sul, focalizando os anos iniciais do ensino fundamental e a educação especial. Tendo como objetivo problematizar a constituição das docências, a partir das experiências de cuidado de si. Nesse sentido, a problemática se compôs no seguinte questionamento: a partir das narrativas sobre as experiências de cuidado de si, como um grupo de professoras constitui as suas docências?

Ressaltamos neste estudo que as mãos não se apresentam simplesmente como ilustrações ou complementos, mas como corpos integrantes das narrativas das professoras, constituindo-se deste modo as mãos-docências, as quais compuseram a verbalização e escrita de seus gestos nas experiências de cuidado de si. Sendo que, estas no contexto das docências, inventaram outros gestos para o exercício da profissão, a partir de uma relação de saberes constituídos em trajetos formativos, os quais agregaram

a personalidade de cada existência. Sendo assim, as experiências de cuidado de si, foram afetadas pelas gestualidades narrativas deste grupo de professoras. Indo ao encontro do pensamento de Sennett (2009, p.169) que nos diz: “[...] as diferentes maneiras de segurar com as mãos, afetam nossa maneira de pensar.”.

Com relação aos trajetos constitutivos da composição metodológica, as etapas referentes à produção dos dados se realizaram em um ambiente virtual. Três encontros online na plataforma do Google Meet, seguindo as orientações da Carta Circular nº1/2021, da Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (Conep), referente às orientações para procedimentos em pesquisas com qualquer etapa em ambiente virtual, viabilizando, neste sentido, a segurabilidade e direitos dos sujeitos participantes de pesquisa.

As professoras participantes tiveram as suas identificações nas palavras que elas mesmas escolheram para as capas dos seus diários de campo (ferramenta metodológica da pesquisa). Palavras essas escolhidas que derivaram de verbos, instigando a pensar nos modos como cada professora olhou para si mesma, produzindo narrativas a partir das suas escolhas. Como a palavra afetou a professora e como a professora se relacionou com a palavra? As palavras identificadoras produziram modos de narrar-se a si mesmas, conduzindo a experiências de cuidado de si, a partir da relação da professora com a escrita. Como diz Foucault (2016, p. 66), "Escrever, no fundo, é tentar fazer fluir, pelos canais misteriosos da pena e da escrita toda a substância, não apenas da existência, mas do corpo, nesses traços minúsculos que depositamos sobre o papel”.

Assim, as palavras **Vida, Vivências, Educação, Transformação, Reflexões, Encantamento** se fizeram presentes nas nomeações e identificação das professoras.

Com as professoras e os seus diários de campo em mãos, fomos aos “pontos de chegada”, inspirados na narrativa da professora **Transformação**. *Uma vez que, para a professora “os encontros sempre foram pontos de chegada para refletir. E ela escolheu essa palavra, a reflexão, para marcar os momentos de intensa conversa”* (Narrativa da professora **Transformação**).

Neste sentido, os pontos de chegada permitiram a conversa e com esta a escuta e escrita, exercícios viáveis para as experiências de cuidado de si, a cada ponto de chegada, as atividades, como vídeos, charges, textos, imagens, sinalizavam temáticas pertinentes às docências, se constituindo em narrativas compartilhadas no grupo, a partir de um encontro de acolhimento consigo mesmo e com o outro.

Neste sentido, os pontos de chegada foram sinalizadores que marcaram uma pausa para a conversa. Não conclusivos, e sim sentidos por nós, num tempo de ancoragem que possibilitou seguirmos os trajetos constitutivos das nossas docências. Pois, como diz Larrosa (2003, p. 212):

Nunca se sabe onde uma conversa pode levar, uma conversa não é algo que se faça (como uma entrevista), mas algo que entra... e ao entrar nela pode-se ir onde não havia sido previsto... e esta é maravilha da conversa... que nela, pode-se chegar a dizer o que não queria dizer, o que não sabia dizer, o que não podia dizer.

E foi diante dessas situações, planejadas ou não, que as conversas movimentaram os pontos de chegada. No fundo não havia uma chegada, um fim, mas uma via de mão dupla que oportunizava a escolha de chegar para permanecer ou sair, escolhendo qual o caminho seguir. Desse modo, a partir dos materiais produzidos (áudios, vídeos, textos, questionamentos...), nos pontos de chegada, tornou-se possível estabelecer interlocuções entre docências, narrativas e experiências de cuidado de si. Os referenciais teóricos abrangeram discussões em torno da noção de cuidado de si (FOUCAULT, 2006), experiência (LARROSA, 2015) e docências (LARROSA, 2018; NÓVOA, 2022; TARDIF, 2014).

Por meio da análise, foi possível compreender que as mãos- docências se movimentaram em duas travessias: na primeira, as mãos movimentaram as docências na permanente aprendizagem, buscando uma forma para se completar. Essa forma sinalizou, conseqüentemente, uma construção histórica, política e social da docência, determinando a funcionalidade dos seus gestos, tendo em vista que, a partir deles, tornaram-se possíveis algumas leituras que moveram e movem as suas existências.

No território da instrumentalização, o objetivo das docências era unicamente ensinar conteúdos. Tiveram em suas mãos marcações em "princípios de eficiência, controle, adaptação social, padronização, sendo considerada o centro do processo de ensino e aprendizagem" (SCHULER, 2014, p. 2). Já no território dos movimentos políticos, se abriram brechas para a reflexão, na medida em que as docências começaram, desde então, a serem vistas pela ótica de cidadania e conscientização. As suas mãos resistiram à hegemonia de saberes, considerando a realidade dos alunos e professores. "Deste modo, há um importante deslocamento, pois a docência é invadida por uma dimensão política que abre para a reflexão sobre o mundo e a possibilidade de transformação do mesmo via os processos educativos" (SCHULER, 2014, p. 3). Nesses atravessamentos, as docências foram se moldando às formas dos contextos que

incorporavam a determinados modos de ser. Contudo, inventaram outros gestos em suas existências, afetadas por experiências de cuidado de si. As quais perfazem ações reflexivas que, primeiramente, estão direcionadas a si mesmo. Contudo, não se caracteriza por uma relação egoísta individual, ou seja, de alguém que se compreende separado do mundo e vive às voltas com um amor unicamente para si. Pelo contrário, é uma experiência/prática de voltar-se para si nas proximidades de um encontro com o mundo e com os outros. Se constituindo em uma “transmutação, em uma prática autônoma, autofinalizada e plural nas suas formas [...]” (FOUCAULT, 2006, p. 106).

E nestas modulações, as docências puderam ser problematizadas em outro modo de ser, na pluralidade de conhecimentos, em suas culturas, nas formações profissionais e nas suas maneiras de saber e conhecer. Chegando, desse modo, na travessia, em que as mãos movimentaram o parar, pensar e refletir, possibilitando, as experiências de cuidado de si. Tais gestos interrogaram o próprio pensamento em ação. As mãos que movimentaram as docências, em sua incompletude, buscando modos, são também as mãos que desejam parar, pensar e refletir a fim de que possam interrogar a si mesmas, sobre os modos como estavam se constituindo.

Mediante as problematizações do estudo, a feitura das docências, no outro constituído, se fez nos gestos das mãos e pensamentos deste grupo de professoras, formando mãos-docências em “[...] um pulsar da vida, onde cada professora produz a autoria da sua obra de arte” (ROSA, 2018, p. 63). E essa obra de arte se constituiu em uma feitura de mãos que se conjugaram nos gestos escritos das narrativas sobre as suas docências. Estas por sua vez, entraram num território de relação existencial, na imprevisibilidade do que não é visto, e o seu sentido encontrou o outro que certamente se constituiu na relação da experiência de cuidado de si.

“Uma vez que a questão do relacionamento com o outro é uma constante em toda a temática do cuidado de si” (ORTEGA, 1999, p. 126). Neste encontro, as presenças trazem consigo os seus ensinamentos e afetos, as mãos começam a registrar a expressividade de quem se aproxima, contornando os detalhes da sua existência, num território marcado por singularidades. Estas comportam a estética das docências deste grupo de professoras, constituídas a partir das experiências de cuidado de si, gestadas por mãos que “[...] expressam a relação entre um saber-fazer, um saber-viver e um saber-viver-juntos” (LARROSA, 2018, p. 75). Gestos que transcendem os saberes

normatizados em currículos, disciplinas, teorias, pois são fundamentados na ética e estética da vida.

Portanto, nas narrativas tocadas por experiências de cuidado de si, as professoras foram afetadas por uma relação inventiva com o outro a partir das suas recordações. Sendo gestadas pelas mãos das professoras com outras professoras, que de algum modo estiveram presentes na vida escolar, acadêmica ou profissional, elaborando, com elas, um saber-viver-juntos, esculpidos na beleza das docências nos modos pelos quais as professoras narram a si mesmas.

E assim, nesta relação entre docência e cuidado de si, se constitui um movimento inventivo de si mesmo, desnaturalizando o conceito da prontidão, do estar preparado com vestimentas teóricas ou práticas que ditam uma abordagem conceitual, servindo de exemplo para o que é a docência e não como ela está sendo. Por isso, o cuidado de si toma a dimensão de uma obra existencial transformando a docência em seu modo de ser.

Palavras-chave: Educação; Docências; Narrativas; Experiência; Cuidado de si.

Referências

- BRASIL. Ministério da Saúde. *Carta Circular nº 1/2021-CONEP/SECNS/MS. Orientações para procedimentos em pesquisas com qualquer etapa em ambiente virtual*. Brasília: Conep, 2021.
- FOUCAULT, Michel. *A hermenêutica do sujeito*. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- FOUCAULT, Michel. *O belo perigo*. Belo horizonte: Autêntica, 2016.
- LARROSA, Jorge. A Arte da conversa. In: SKLIAR, C. *Pedagogia (improvável) da diferença: e se o outro não estivesse aí?* Rio de Janeiro: DP&A, 2003. p. 211-224.
- LARROSA, Jorge. *Esperando não se sabe o quê: Sobre o ofício de professor*. Belo Horizonte: Autêntica, 2018.
- LARROSA, Jorge. *Tremores: escritos sobre experiência*. Belo horizonte: Autêntica, 2015.
- NÓVOA, António. *Escolas e professores proteger, transformar, valorizar*. Salvador: SEC/IAT, 2022.
- ORTEGA, Francisco. *Amizade e estética da existência em Foucault*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1999.

ROSA, Vaneza Silva da. *Narrativas de professoras das experiências docentes com alunos autistas*. 2018. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade de Santa Cruz do Sul, Santa Cruz do Sul, 2018.

SCHULER, Betina. O cuidado de si e a docência no presente: possibilidades via as dissoluções genealógicas. *In: REUNIÃO DA ANPED SUL*, 10., 2014, Florianópolis. *Anais [...]*. Florianópolis: [s. n.], 2014.

SENNETT, Richard. *O Artífice*. 2. ed. Rio de Janeiro: Record, 2009.

TARDIF, Maurice. *Saberes docentes e formação profissional*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.